

## J'ai Honte de Mendier

NRF—Paris, 1939—por SHEILA COUSINS

Sempre entendemos que a espontaneidade da Arte não é qualidade que os homens lhe possam imprimir independentemente da sua consciência e da sua posição perante a realidade. Não quer isto dizer que a consciência unicamente seja a determinante da obra de Arte; tam sómente que através dela a criação artística se define como produto das concepções duma época. Só em estados de desenvolvimento humano há muito ultrapassados pela cultura que rodeia o artista do nosso meio é que tal espontaneidade pode cumprir-se em função de formas de consciência rudimentares, duma compreensão objectivamente mas não subjectivamente deformadora que a nós se nos afigura como *intuitiva*, quando observada superficialmente. Têm além disso uma visão muito interessada os que querem apresentar a vida, viver a vida independentemente dos seus problemas, das suas instâncias e inquietações imediatas, iludindo-a por uma pseudo-espontaneidade, por um infantilismo posição, refugiando-se no inconsciente, na intuição, no super-realismo.

A literatura viva é, bem ao contrário, aquela que surge dos movimentos parcelares da vida, a que se não serve da vida porque a serve, a que nasce como expressão e resposta aos dramas humanos de cada época. A sua eternidade estará implícita na tradução das tendências dinâmicas da humanidade, em exprimir momentos da consciência humana que significam um marco de conquista deixado pelo homem no seu caminho histórico. São as que traduzem um acréscimo da potência do homem sobre o meio, um movimento de libertação real quer do espírito quer da matéria através a sua localização social. Por isso é que nas raízes da Arte, como da humanidade considerada em seu conjunto, está um perene inconformismo, um sempre renovado desejo de luta e superação. Quem colocaria hoje o nome obscuro de La Motte ao lado de Voltaire, o do académico Pinard ao lado do de Flaubert?

Nós não pedimos que deformem a vida, que se tomem posições demagógicas tendentes a extrair dela o que lá não existe, que a simplifiquem em esquemas pueris e falseadores, submetidos ao antecipado desejo de *provar*. Apenas nos levantamos contra aqueles

que a esse desejo de *provar* opõem um irredutível desejo de *não provar*—nem mesmo aquilo que a própria vida prova—e querem reproduzir uma realidade *super-real* e amorfa, sem tendências nem finalidade implícita. A nossa posição define-se tam intransigentemente contra os que se servem da vida como contra quem se recusa a servi-la, porque ambas as atitudes são igualmente misticadoras.

E, sem validade, podemos afirmar que, quando a vida fala, fala como nós que não nos preocupamos com renegar os seus problemas mas consciencializar-nos perante eles.

E' o que nos vem dizer este livro recente de Sheila Cousins—*J'ai honte de mendier*,—depolimento duma *tolerada* que, se por vezes se eleva acima da sua própria prostituição, não toma (nem precisa!) qualquer posição *politica*, o que seria tanto do horror dos nossos subjectivistas... Mais ainda:—se algumas influências se revelam em Sheila Cousins, são precisamente as dos escritores de decadência da burguesia inglesa (nomeadamente a de Rosamond Lehman). Mas S. C., pela sua situação, não podia colocar-se à margem do *humano* (um *humano* angustiado e trágico); deixou-se arrastar pela vida e, embora com deficiências, exprimiu *vida*.

Vejamos o que nos diz *J'ai honte de mendier*. A autora apresenta-se integrada no próprio ambiente em que o seu caso se desenrola. A narrativa é meramente pessoal e, quando se refere a outros casos afins, fá-lo acidentalmente e por necessidade. Para bem se compreender o seu enquadramento é necessário saber-se que em Inglaterra não há casas de tolerância oficializadas e regulamentadas como noutros países. O mundo em que as relações de dinheiro dominam as relações de trabalho é um mundo que, muitas vezes, se nega a reconhecer e relega para a sombra muitas das suas consequências tam necessárias como inoportunas. Por isso a acção de *J'ai honte de mendier* é a acção oculta duma realidade subterrânea *negada oficialmente* mas que, no entanto, ninguém ignora, pois salta

à vista de todos. Tem por centro os *trottoirs* de Londres, as misérias humanas que fermentam no ventre duma grande capital regida pela indústria e pela finança.

Sheila Cousins conta-nos directamente a sua situação e, desde a primeira linha se confessa uma mulher da vida. Considera esta sua qualidade o exercício duma profissão como qualquer outra por que passou, «nem mais nem menos segura do que a maioria dos empregos femininos». Não tem, no entanto, ilusões acerca da cotação em que é tida: para o macho apenas um corpo, para os policas uma esperança de promoção, para o resto unicamente um problema. Na nossa sociedade, a questão do comércio da mulher está ligada ao problema genérico do amor; é uma das suas facetas. O feticchismo que domina as mercadorias, avasala também as relações humanas de natureza extra-comercial, comercializando-as. E assim em todos os campos há valores *tabus*, valores intangíveis e absolutos que, à imagem do ouro, servem de padrão a todas as relações de que são objecto. Se assim não fosse, que seria da concepção dominante de que o ouro é a varinha mágica que abre todas as portas de Césamo?! Um desses valores é exactamente a inexperiência sexual feminina em relação à prática amorosa. As mesmas razões que podem levar a mulher a ser considerada um corpo sem cotação e gasto pelo uso podem também conduzi-la ao drama não menos pungente duma vida que se oferece eternamente rejeitada e limitada ao seu papel duma passividade inútil... Desequilíbrio perigoso, dualidade paradoxalmente coincidente mas trágica para qualquer dos lados. O romantismo, o sentimentalismo e certa *arte* não conseguem iludi-la.

S. C. revelanos sem disfarces um dos extremos do problema e por isso mesmo o seu depolimento vivido é elucidativo. Como causas que a lançaram na *vida* aponta-nos duas séries convergentes. Na primeira estão o temperamento e a conduta desregrada da mãe e o rigorismo dum internato de menores delinquentes (cuja descrição se arrasta demasiadamente, numa obra como esta que teria coisas mais interessantes e inéditas para contar). A segunda é de raízes sociais, a que mais activa-

(Continua na página seguinte)

—Assumi a direcção de «D. Casmurros»—semanário brasileiro de cultura bem conhecido entre nós—o escritor Jorge Amado, um dos melhores nomes do Brasil jovem e progressista, o romancista de *Jubiabá* mundialmente admirado. No primeiro número em que superintende, J. A. publica palavras compreensivas e esclarecidas sobre o problema do intercâmbio luso-brasileiro e logo, passando ao plano prático, como o fez para escritores brasileiros, estabelece anualmente 2 prémios e edições para obras inéditas de novos romancistas portugueses que se evidenciem. Esta nova contribuição de Jorge Amado para a causa da aproximação entre as duas pátrias é mais um motivo para encararmos com confiança e redobramos esforços pelo conhecimento recíproco através dos jovens. Ao entrar nesta nova fase, mudamos «D. Casmurros», prometemos-lhe a mais leal camaradagem e cooperação nesta tarefa comum e desde já recomendamos a sua leitura a todos os nossos amigos!

—Hyman Levy, autor do notável estudo *A Philosophy for a Modern Man*, acaba de publicar mais uma obra: *Modern Science: A Study of Physical Science in the World Today*.—Hamish Hamilton, 21S..

—Acabam de publicar-se mais dois livros ingleses de grande actualidade: *China at War*, de Freda Utley (Faber, 12S. 6D.) e *Geneve*, de Bernard Shaw (Constable).

—De Henri Lefebvre, ao qual devemos já algumas obras de tam justa análise como «*La Conscience mystifiée*», «*Le Nationalisme contre les nations*», «*Nietzsche*», «*Morceaux choisis de Hegel*» e a introdução e notas aos «*Cahiers sur la dialectique*», acaba de aparecer um novo trabalho intitulado «*Le Matérialisme Dialectique*», editado pela livraria Alcan, de Paris. Quem já conhece as anteriores obras de Lefebvre, não terá dúvidas sobre a qualidade e utilidade do novo livro.

—A N. R. F. vai iniciar a publicação duma nova «Literatura francesa» em três volumes: «de Rutebeuf a Descartes» (séculos XIII a XVII), «de Corneille a Chénier» (XVII e XVIII) e «de Chateaubriand a Proust» (XIX e XX).

O segundo volume (primeiro a ser publicado) sparseceu no mês de Outubro, com um prefácio de André Gide e com estudos de Alain, Julien Benda, Jean Casson, Jean Cocteau, Jean Guéhenno, André Malraux e muitos outros, sobre as principais figuras literárias dos séculos XVII e XVIII: Corneille, La Fontaine, Molière, Pascal Racine, Bayle (Stendhal), Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Diderot, a Enciclopédia, Chénier e outros.

—A excelente livraria inglesa V. Gollancz editou mais um estudo de Jack Lindsay, escritor de orientação diamática, intitulado «*A short history of culture*». E' de notar a frequência com que ultimamente têm aparecido estudos de orientação diamática, na Inglaterra.

—«*Nous autres, Français*» é o título do novo livro do escritor francês Georges Bernanos cujas duas últimas obras «*Les grandes épreuves sous la lune*» e «*Scandale de la vérité*» tanto revolucionaram os meios políticos franceses. (N. R. F.—20 fr.)